

A PSICANÁLISE NA CONTEMPORANEIDADE – PRESA DO LADO DE FORA OU SEM LUGAR DO LADO DE DENTRO?

Virgínia Ferreira

Teresa Miras

Universidade Católica de Petrópolis – UCP (Brasil)

Email:

virginiaferreira@oi.com.br

RESUMO

O artigo tem o propósito de apresentar os sistemas de referências propostos tanto pela era moderna, era de nascimento da psicanálise, como pela era contemporânea, pois acreditamos que cada era produz e impõe um novo e próprio sistema de referências que influenciam diretamente a visão que o sujeito tem de si e do mundo, seu estilo existencial, suas produções e manifestações artísticas, intelectuais, culturais, científicas, etc., uma vez que, pensamos o sujeito tanto como “agente e efeito” quanto como interlocutor de uma dada época. Ou seja, não há como pensar e entender a existência humana, a criação de uma teoria, de uma composição musical, de um poema, de um sistema de pensamento, de uma prática psicológica ou não, fora de um contexto sócio-econômico, político e cultural.

Tem-se ainda, a partir desta contextualização, o propósito de discutir o lugar da psicanálise, que nasceu na modernidade, era das notáveis produções científicas, filosóficas, literárias e artísticas, das lutas pelas causas coletivas, dos valores duradouros, da disciplina, da segurança, enfim, da interioridade, na contemporaneidade, era caracterizada pela lógica de mercado e do dinheiro, das imagens impostas pela mídia, pelo espetáculo do corpo, do individualismo, do imediatismo, das identidades provisórias, dos objetos reais, dos psicofármacos, do consumo não reflexivo, enfim, da exterioridade. Em outras palavras, como pensar o lugar da psicanálise que nasceu numa era de arrimos ontológicos, numa era de arrimos fenomenológicos.

Palavras-chave: Contemporaneidade, modernidade, sujeito, psicanálise

“A sociedade contemporânea é uma sociedade traumática à medida que se organiza em torno de objetos e critérios reais que impossibilitam significações subjetivas e que são introduzidos continuamente no indivíduo. (...) A psicanálise hoje tem que se haver não só com o inconsciente individual, mas com uma nova experiência de subjetividade...” Quem sabe midiática, por isso, coletiva e volátil.

Algumas palavras iniciais

Dizemos contemporaneidade porque vamos tentar nos esquivar de nomear a era em que vivemos. Há muitas controvérsias, há muitas discussões: pós-moderna, hiper-modernidade, pós-modernismo, hiper-moderna, enfim, apesar de confessar que, pensamos ser pós-moderna.

Porém, independente da nomenclatura que possamos atribuir a ela, o importante é ressaltar que, cada nova era, introduz novos elementos, sejam eles políticos, econômicos, sociais e/ou culturais que, criam um novo sistema de referências para o sujeito, influenciando desta forma, a visão que o sujeito tem de si e do mundo. Portanto, tais elementos ao estabelecer um novo sistema de referências, influenciam ou determinam, não saberíamos dizer, tanto a auto-percepção, entendendo-se esta como a percepção que o sujeito tem de si mesmo, como a percepção do mundo que o rodeia e que, por conseguinte, irá influenciar diretamente em sua construção da realidade - seu estilo existencial, seus propósitos ou ausência dos mesmos, suas produções, suas crenças, seus sonhos, seus medos, suas ansiedades, seus conhecimentos, suas emoções, seus sentimentos, etc.

Ao fazermos um breve percurso da história da humanidade, constatamos que cada era oferece um novo sistema de referências, tais como:

- Primitivos

Sem registro. Nessa era, o homem recorria aos deuses, aos mitos. Mithos, em grego significa palavra, aquilo que é dito. Podemos entender por mito uma narração fabulosa, de origem popular e não refletida, na qual agentes impessoais, via de regra, as forças da natureza, são representadas sob a forma de seres pessoais, cujas ações têm um sentido simbólico, a fim de explicar a realidade que ainda não foi justificada pela razão. O homem primitivo tinha como referência o **sobrenatural**.

- Antiguidade (Séc. VIa.c. – III)

Essa era, podemos pensá-la dividida, respectivamente, em duas fases distintas:

- A fase pré-socrática – Representada pelos Pré-Socráticos que propuseram os elementos da natureza – terra, fogo, água e ar como fundamentais para o entendimento da origem de todas as coisas. Desta forma, o sobrenatural dá lugar aos elementos da natureza. Em outras palavras, o homem, nessa época, tinha como referência **os elementos da natureza**.
- A fase clássica – Representada pelos pensadores Sócrates, Platão e Aristóteles que impuseram um deslocamento do sistema referência pautado nos elementos da natureza, para as virtudes do homem. Assim, o centro de referência do pensamento humano deixa de ser os elementos da natureza e passa a ser o **homem**.

- Idade Média (Séc. IV – XIV)

Essa era, apesar de ser constituída por vários acontecimentos, tais como: os mosteiros beneditinos, o surgimento do Islamismo, o Tratado de Verdum, a arquitetura românica, as Cruzadas, Universidades, dentre outros, ressaltamos o surgimento do monoteísmo universalista cristão, ou seja, o cristianismo como religião oficial. Desta maneira, o centro de referência é mais uma vez deslocado, deixando de ser o homem e passando a ser **Deus**.

- Renascimento (Séc. XV – XVI)

Essa era pode ser representada por Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, Thomas More, Montaigne, Gutenberg com a criação da imprensa, Lutero com a reforma protestante, Copérnico com o heliocentrismo, renascimento italiano, renascimento artístico, enfim. Desta forma, mais uma vez, testemunhamos uma mudança do sistema de referências, no qual a figura de Deus como referência central enfraquece e divide lugar com o renascimento do homem. A referência passa a ser o **homem e Deus**.

- Idade Moderna (Séc. XVII – XIX)

Nessa era, surge o renascimento científico com Galileu, Kepler e Newton; o nacionalismo com fronteiras, a figura do Estado; o empirismo com Francis Bacon e Hobbes; o racionalismo com Descartes e Espinosa; o iluminismo com Montesquieu e Kant; o enciclopedismo com Voltaire e Diderot; o idealismo com Hegel e Schopenhauer; o positivismo com Comte e Stuart Mill; o socialismo com Saint-Simon e Marx; Kierkegaard; Nietzsche; a revolução industrial; revolução francesa; Napoleão; Rainha Vitória; o nascimento da Psicanálise com Sigmund Freud; as revoluções liberais; a Comuna de Paris, etc.

O homem, nesta era, divide com Deus e de forma muito pálida, lugar com a ciência. Não foi à toa, nem por acaso que Nietzsche ao dizer “*Deus está morto*”, dê alguma maneira já podia

prever que a ciência tomaria o lugar de Deus e reinaria soberana como referência. Assim, nesta era, **Deus e o homem ainda têm o seu lugar ao lado da ciência no sistema de referência.**

- Idade Contemporânea ou Pós-Moderna (Fins do século XIX em diante)

Essa era, podemos caracterizá-la pelos filósofos Karl Popper, Lakatos, Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Lévi-Strauss, Jacques Derrida, Michel Foucault e, ainda por acontecimentos tais como: Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), Revolução Russa (1917), Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), Bomba Atômica (Hiroshima e Nagasaki – 1945), etc.

O que caracteriza a era contemporânea é o avanço tecnológico, o consumo desmedido, a descartabilidade, a volatilidade, o imediatismo, o individualismo, o espetáculo – aquilo que pode ser visto. O sistema de referência passa a ser a trilogia: **Ciência – tecnologia - consumo.**

A partir do breve percurso apresentado, podemos constatar que desde os primórdios da humanidade há uma modificação no sistema de referências que rege e caracteriza cada nova era. Durante milênios, até a modernidade inclusive, oras o sentido do sagrado, oras o interesse pelas virtudes humanas, inspirou e embalou todas as esferas da cultura humana, da ignorância à sabedoria, da arte à política, da mitologia à ética, da existência à impermanência (finitude), do individual ao exemplar (coletivo). Desta maneira, seja através da perspectiva do sagrado seja no interesse pelas virtudes humanas, o homem estava voltado tanto para o entendimento como para a construção de um sentido para a existência humana, expressão máxima do gozo da liberdade. A realidade externa era quase que uma reflexão de uma realidade interna. Havia um comprometimento com a procura do bem-estar da “alma” – com o bem-estar humano. Parece que o homem nunca se sentiu confortável em sua própria pele e esse desconforto o movimentava em busca dele mesmo, em busca da construção de um sentido para o seu próprio ser, para os rumos de sua existência: suas escolhas, suas paixões, seus descontentamentos, suas crises, seus amores, seu desamparo, sua solidine etc. Enfim, as questões do ser eram a mola propulsora da existência e busca humanas, eram como um poema onde se busca a plena totalidade dos sentimentos através das palavras e ele se apresenta sempre inacabado, porém, repleto de sentido.

É a partir e através da busca do entendimento e do bem-estar humano, que o ser se constrói e tem um sentido. A questão hoje talvez não seja “*ser ou não ser*”, conforme Hamlet de W.Shakespeare (1599/1601). Mas talvez quem sabe, ser pelo que se é ou ser pelo que se tem. Em outras palavras, “ser alguma coisa de minha escolha ou ser provisoriamente qualquer coisa de qualquer escolha”. Ser provisoriamente qualquer coisa de qualquer escolha, significa estar e o estar significa ter ou não ter o que a mídia dita e aquilo que o dinheiro pode comprar. Em outras palavras, ter significa estar de acordo com a “moda”, ter aquilo que é imposto num dado momento: ter um carro importado, ter cartão de crédito internacional, ter o corpo sarado e lipoaspirado, ter uma alegria fabricada pelas pílulas, ter seios e nádegas siliconizadas, ter faces sem idade e sem história, ter existências que parecem ser adquiridas – consumidas – no supermercado da esquina. Desta forma: se tenho, estou. Se estou, sou. Mas, se não tenho, não estou. Se não estou, não sou.

Quando o ter toma o lugar do ser, o consumir toma o lugar da reflexão, a moral individual toma o lugar da moral coletiva e o sentido quando falta não faz falta, a existência deixa de ser uma construção para ser um produto pronto para o consumo. Desta maneira, as histórias individuais são, via de regra, moldadas de fora, fato que, mais aprisiona do que possibilita a liberdade, pois a liberdade é entendida como uma faculdade de se emancipar das leis exclusivas da natureza animal, escapando de todos os códigos rígidos do instinto, a fim de seguir em direção do desenvolvimento cultural e moral. Ou seja, o sujeito se funda escapando das garras dos códigos rígidos do instinto, para se deixar ser capturado pelos grilhões da exterioridade, parecendo atender a uma finalidade, a da lógica de mercado e do dinheiro, das imagens impostas pela mídia, enfim, do consumo não reflexivo, de se apresentar como aquilo que a mídia lhe impõe ser: ser provisório, ser qualquer coisa, ser exterioridade. A partir desta perspectiva, certamente não há lugar nem interesse pela e para problematização da existência. Porém, como independentemente da era, o ser humano nunca se sentiu confortável em sua própria pele, cabe ressaltar que, a realidade enquanto uma trama de limites e imposições tem a sua parte nesse incômodo, o que faz diferença é a forma que ele vai se posicionar frente ao desconforto, ao sofrimento e, conseqüentemente, o que ele entenderá ser fundamental para o alívio de seu mal-estar: da atribuição de causalidade interna à causalidade externa, da reflexão na busca de entendimento ao uso das pílulas mágicas, do posicionamento existencial do sujeito moderno ao posicionamento mercadológico do sujeito pós-moderno.

Da solidão do divã a multidão dos shoppings, da longa travessia reflexiva da análise aos resultados provisoriamente imediatos dos psicofármacos, a questão é: refletir, implicar-se e construir-se ou consumir.

Viena na época de Freud: O Nascimento da Psicanálise

Não foi por acaso que a psicanálise nasceu em Viena e ali se desenvolveu. No tempo de Freud, século XIX, a atmosfera cultural de Viena estimulava a fascinação por doenças mentais e problemas sexuais, fascinação que se estendia da sociedade à corte imperial.

Durante quase todo o século XIX Viena continuava a crescer em tamanho, oportunidades culturais, renome científico e importância econômica.

O que dotou a cultura vienense de singularidade foi, como nos diz Bettelheim, B.(1991), o “acaso histórico”, ou seja, o ápice do desenvolvimento cultural coincidindo com as catástrofes políticas e a desintegração do império, desintegração visível a partir de 1859.

A difusa percepção da decadência política levou, por um lado às elites culturais a abandonarem a política como assunto sério e a voltarem suas atenções para seu mundo interior e, por outro, a vasta maioria da população a se voltar para a diversão despreocupada. Viena começou a se destacar não mais pela superior cultura, o teatro sério e a ópera, mas sim, na ópera leve e, sobretudo, na música para dançar. As operetas de Strauss, Suppé dentre outros e, a valsa vienense, conquistavam o mundo.

O casamento do imperador Francisco José (reinado de 1848 – 1916) com Elizabeth (princesa Bávara muito jovem e muito bela – aclamada a mulher mais bela da Europa), era uma união de grande amor e devoção por parte do imperador.

Elizabeth: para conservar a beleza, passava fome em dietas exageradas; fazia caminhadas de 7 a 10 horas por dia; pouco estava ao lado do marido. Passava a maior parte do tempo viajando por toda Europa. Exaltava a morte e tinha fascínio pela loucura: “*A idéia de morte purifica*” e “*A loucura é mais real que a vida*”. (Bettelheim, B.1991, p. 9).

Em 1898, em uma de suas viagens a Genebra, Elizabeth é assassinada por um anarquista.

Da união de Francisco José com Elizabeth, há apenas um único filho, Rudolf.

Rudolf levava uma vida solitária e deprimido. Mãe inacessível, péssima relação com o pai - conflitos edipianos e uma relação sem amor com sua esposa - casos amorosos extra-conjugais.

Solitário e deprimido, Rudolf faz um pacto suicida com uma de suas amantes num galpão de caça. Rudolf mata a amante e logo após, cometeu suicídio. Homicídio e suicídio logo após ter relações sexuais. Intima ligação entre neurose, sexo e morte.

O sexo e a morte partilhavam estranha coexistência na cultura vienense.

Maiores forças na cultura vienense: Tânatos e Eros, morte e sexo.

A psicanálise surge nesse contexto de intensas ambivalências. A psicanálise surge como compreensão da ambivalência, ou seja, como compreensão dessas forças tácitas, ocultas, porém que regem o sujeito. A psicanálise está inteiramente voltada para o entendimento e funcionamento do sujeito, entendendo o sujeito como razão e emoção, consciente e inconsciente e, sobretudo, responsável por ele mesmo – por suas conquistas e fracassos, por suas alegrias e tristezas, por seus contentamentos e descontentamentos, por seus amores e desamores, por suas paixões e sofrimentos, por suas construções e desconstruções, (desmoronamentos) enfim, por suas escolhas, por suas saídas, por sua subjetividade.

A razão de existência da psicanálise é a relação de estranheza que o sujeito tem com as forças internas que o movem e o vivificam, a relação de estranheza que ele tem com seu mundo interno que, se presentifica e o escraviza através de sintomas: sonhos, atos falhos, chistes, escolhas “cegas”, repetições, enfim, sintomas que o tornam vítima de seu desconhecimento quanto a si mesmo, como Platão, através de Sócrates, na Alegoria da Caverna (Livro VII da República), nos fala com muita propriedade dos homens que tomam as sombras pelos objetos, ou seja, da ignorância dos homens quanto a eles mesmos e, por conseguinte, quanto aos objetos que o rodeiam. A proposta da psicanálise é ser um instrumento, uma possibilidade através da qual o sujeito possa “sair da caverna, ver o sol e, enfim, ver os objetos”. Em outras palavras, que os sujeitos possam se conhecer, se reorganizar internamente, deixar de ser uma imagem fora de foco para si mesmo e para o mundo, fazer escolhas conscientes, enfim, ser o senhor de sua própria existência, gozar da liberdade de ser o que é.

A psicanálise nasceu num contexto de priorização do mundo interno e de suas manifestações e interferências na realidade externa.

Desta maneira, talvez não seja impróprio caracterizarmos a era moderna, tomando como base um fragmento da história e dos acontecimentos vienenses, como a era que tem como objeto de referência o homem: suas causas, suas escolhas, suas virtudes, seus sofrimentos, suas preocupações, seus desconfortos, suas paixões, enfim. Pensamos não ser por acaso que tenha sido a era das revoluções, das grandes e intensas produções artísticas, literárias, filosóficas, científicas dentre outras.

O Sujeito na Contemporaneidade e o Lugar da Psicanálise

A psicanálise parece ser ainda mais atacada hoje em dia por haver conquistado o mundo através da singularidade de uma experiência subjetiva que coloca o inconsciente, a morte e a sexualidade no cerne da alma humana. (Roudinesco, E. 2000, p. 35).

Em seu texto intitulado “Dois Verbetes de Enciclopédia”, Freud, S. (1923), nos fornece uma definição de psicanálise que, segundo nosso entendimento, ele a subdivide em 3 partes, a saber:

Primeiro, Psicanálise é o nome de um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo (porque tem como objeto de investigação o inconsciente) e, em segundo, um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos (entender e tratar) e, por fim, uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (teoria e técnica psicanalíticas). (1923/1969a, p. 287).

Freud, a partir de seu interesse e estudos sobre a neurose, sobretudo, sobre os fenômenos históricos, produz uma nova e instigante teoria sobre o sujeito. Porém, o sujeito proposto pela nova teoria, teoria psicanalítica, é o sujeito do equívoco, da incerteza, do desconhecimento, uma vez que, o conceito revolucionário que funda a psicanálise é o conceito de inconsciente. A consciência, segundo Freud, é o lugar das aparências, dos efeitos e não o centro da vida psíquica.

Freud, ao formalizar o conceito de inconsciente, se por um lado, rompe com a psiquiatria clássica, colocando fim à dicotomia normal-patológico, por outro, subverte o sujeito proposto por Descartes, descentralizando a soberania da consciência ao propor que um mesmo sujeito é sujeito da consciência e do inconsciente, da razão e da emoção e, ainda que, ao sujeito e somente a ele cabe a responsabilidade pelo que ele é, ou seja, pela sua estruturação, pela sua subjetividade.

O inconsciente, as suas formações e a transferência freudiana devem sempre ser pensados como um abalo às certezas da consciência, descentralizando o sujeito, mas ao mesmo tempo, revelando-o e compondo as mesmas, uma vez pontuadas, interpretadas e elaboradas, a única via para o auto-conhecimento, para o exercício da liberdade maior.

Todo aquele que possa apreciar o alto valor do auto-conhecimento e aumento de auto-controle assim adquiridos, continuará, quando ela terminar, o exame analítico de sua personalidade sob a forma de auto-análise, e ficará contente em compreender que tanto dentro de si quanto no mundo exterior, deve sempre esperar descobrir algo de novo. (Freud, S. 1912/1969b, p. 156).

A era contemporânea, tomando como base autores como Zygmunt Bauman, Christopher Lash, Contardo Calligaris, Richard Sennett, Carmen Da Poin, Alain Badiou, Joel Birman, dentre outros, tais autores nomeiam essa era como pós-moderna e a descrevem como a era da tecnologia, da lógica do mercado, do consumo, do imediatismo, da volatilidade, da descartabilidade, do individualismo e do espetáculo.

Como nos sugere Badiou, A.

A única verdade que o mundo atual aceita é a do mercado e da moeda. Fora disto, cada um está encerrado em sua tribo, buscando identificações a valores cada dia mais difíceis de serem encontrados e, na falta de tais identificações, tentando identidades que têm a ver com imagens propostas pela mídia, na qual o poder do dinheiro aparece sempre como central. (1994, p. 13).

Ou ainda como nos diz Eagleton, T. (1998) a lógica soberana do mercado contemporâneo é de prazer imediato e pluralidade, do efêmero e descontínuo, de uma grande rede descentrada de desejo da qual os sujeitos surgem como meros reflexos passageiros e alienados.

Desta maneira, podemos inferir que, o sujeito contemporâneo é um sujeito fenomenológico, no sentido da história da palavra, isto é, um sujeito do exterior, da aparência, daquilo que ele pode exhibir, daquilo que o dinheiro pode comprar, a partir do que a mídia faz com que o sujeito tenha a necessidade de ter ou faz com que ele pense merecer ter. É, por exemplo, a conhecida cultura do “eu mereço”.

Segundo Lash, C. (1983), a mídia cria e fabrica seu próprio produto que é o sujeito consumidor perpetuamente insatisfeito, ansioso e entediado.

O sujeito contemporâneo “ *irá se definir pelo real do corpo, da genética, dos psicofármacos, do sexo, da beleza, da velhice*” (Da Poin, C. 2001, p.14). Enfim, do consumo alienado e desmedido, um sujeito voltado para objetos concretos, imediatos, excessivos, consumindo vorazmente e, portanto, sem a menor distância reflexiva. Nesse sentido, qual é a diferença entre o sujeito e o produto ? Será que o sujeito não se sente o próprio produto ?

Segundo ainda Da Poin, C., vivemos em uma

sociedade sem herança, de indivíduos órfãos de ideais e de verdades simbólicas que correm atrás da sedução das imagens que lhes são impostas de inúmeros modos. Na falta de identificações, tentam arrumar uma identidade que lhes permita viver os instantes, identidades adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige volatilidade, mudanças, trocas, descartabilidade (2001, p. 12).

Como nos sugere Sennett, R. (1999) como podemos decidir ou porque precisamos decidir o que tem valor duradouro em nós, se vivemos numa sociedade demasiadamente impaciente que se concentra no momento imediato, no consumo, no espetáculo, em tudo aquilo que é exterior, inclusive, nós mesmos.

Por que vamos nos dar ao trabalho de nos conhecer ou de procurar em nós mesmos aquilo que nos faz sofrer, uma vez que, o universo contemporâneo nos promete soluções - pílulas mágicas ?

Por que vamos pensar no amanhã, se o que é valorizado é o agora ?

Por que sair da caverna se, de alguma maneira me vislumbro com as sombras ?

Por que iremos nos preocupar em cuidar, se os objetos são descartáveis e momentâneos ?

Por que vou andar em companhia, se tenho dois celulares ?

Por que ter o propósito de procurar saber quem sou, se a mídia amanhã irá me “fazer ter a necessidade” de ser uma outra coisa ?

Por que ter o desejo de construir um sentido para existência se (...) “*temos sempre a possibilidade de entrar no ciclo do consumismo, indo fazer compras e prestar algum tributo ao shopping que, com toda facilidade, apresenta uma finalidade para qualquer passeio*” ? (FERRY, 2007, p.17).

Ora, como podemos pensar a psicanálise, num mundo que prioriza o exterior, o consumo, a volatilidade, o imediatismo, as aparências, as atitudes pré-reflexivas ?

Como pensar a psicanálise no mundo contemporâneo, sendo este, de acordo com Da Poin, C.

um mundo de concretudes, em que a ordem pulsional dá lugar, sobretudo, à ordem instintiva na qual as várias significações possíveis do real desaparecem e na qual o objeto adquire uma dimensão única e concreta. (2001, p. 14).

Se a psicanálise, em seu âmbito clínico, se propõe a ser o lugar, no tempo e no espaço, onde manifestações afetivas das fases anteriores, ou seja, onde o mundo interno confuso, difuso e sofrido começa a ser evocado, repetido e atualizado, como pensar essa prática, num momento em que o mundo interior está sob os grilhões do mundo exterior? Como pensar a psicanálise que nasceu numa era de arrimos ontológicos, numa era de arrimos fenomenológicos?

Badiou, A. (1994), nos propõe pensarmos o sujeito como um processo, onde ele surge em pontos circunstanciais, que são os eventos. O evento é o que obriga o sujeito a decidir, ou a inventar, uma nova maneira de ser – uma revolução, um encontro, uma criação, uma paixão amorosa, enfim. Desta maneira, segundo Badiou, A. (1994) o homem é visto como um animal chamado, nas circunstâncias a tornar-se sujeito ou não.

Segundo Badiou, A. (1994), encontramos-nos, neste momento de nossa história, diante de um novo evento. Cabe a nós, como psicanalistas clínicos e teóricos, ligar nossa verdade a esse evento, situá-la, pensar, organizar a resistência do próprio desejo, permitindo, assim, ao sujeito à ampliação de seu campo de possibilidades. Cabe a nós inventar uma nova maneira de ser o que somos, maneira esta que tem dois únicos imperativos: comprometer-se e continuar.

A psicanálise atesta um avanço da civilização sobre a barbárie. Ela restaura a idéia de que o homem é livre por sua fala e que seu destino não se restringe a seu ser biológico. Por isso, no futuro, ela deverá conservar igualmente o seu lugar, ao lado das outras ciências, para lutar contra as pretensões obscurantistas que almejam reduzir o pensamento a um neurônio ou confundir o desejo com uma secreção química. (Roudinesco, E. 2000, p. 9).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Arendt, H. (1999). *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Badiou, A. (1994). *Para uma Nova Teoria do Sujeito*. Trad. Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Baudrillard, J. (2002). *A Troca Impossível*. Trad. Cristina Lacerda e Teresa Dias Carneiro da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bauman, Z. (1998). *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bettelheim, B. (1991). *A Viena de Freud e Outros Ensaios*. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Campus.

Birman, J. (1997). *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: 34.

Calligaris, C. (1993). *A Crise da Psicanálise*. Curso ministrado no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Calligaris, C. (1996). *Crônicas do Individualismo Cotidiano*. São Paulo: Ática.

Comte-Sponville, A. (2004). *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

Comte-Sponville, A. (2005). *A Felicidade, Desesperadamente*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

Da Poin, C. (2001). *A Psicanálise, O Sujeito e o Vazio Contemporâneo*. In C. Da Poin (Org.), *Formas do Vazio: desafios ao sujeito contemporâneo* (pp. 7-23). Rio de Janeiro: Via Lettera. 158

Eagleton, T. (1998). *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ferry, L. (2007). *O Homem-Deus, ou, O Sentido da Vida*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Difel.

Freud, S. (1969a). Dois Verbetes para Enciclopédia (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (1969b). Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise (Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1912).

Lash, C. (1983). A Cultura do Narcisismo. Rio de Janeiro: Imago.

Nasio, J.-D. (1999). O Prazer de ler Freud. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Platão. Diálogos III – A República. Trad. Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro (Coleção Universidade).

Roudinesco, E. (2000). Por que a Psicanálise ? Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Sennett, R. (1999). A Corrosão do Caráter. Rio de Janeiro: Record.